

## BRASILIDADES EM ALBERT CAMUS: VIAGEM AO BRASIL, LITERATURA E PERCEPÇÕES SOCIOCULTURAIS

**André Luiz Pereira Spinieli**

(Mestre em Direito – UNESP)

**RESUMO** Albert Camus representou uma das principais vozes críticas da literatura e da filosofia construída após os eventos das duas Guerras Mundiais. Responsável pela escrita de romances, ensaios filosóficos e peças teatrais que evidenciam a nudez da condição humana no último século, o pensador franco-argelino se engajou em diversas lutas em prol da dignidade humana e da libertação dos povos oprimidos em sua terra natal, a Argélia. A partir de uma atitude filosófico-literária e revolucionária, Camus assumiu um projeto de crítica acerca da introdução dos homens em contextos absurdos, nos quais a ausência de lógica e a emergência das injustiças sociais são categorias que conquistam espaço em meio à consciência humana. O autor identificou semelhanças entre as realidades argelina e brasileira, que renderam a escrita do conto "A pedra que cresce". Neste trabalho, propomos uma análise acerca das *brasilidades* na escrita camusiana e dos trajetos do pensamento mediterrâneo do autor em sua visita ao Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE** Albert Camus. A pedra que cresce. Pensamento mediterrâneo.

### INTRODUÇÃO

A produção bibliográfica de Albert Camus (1913-1960) compreendeu um vasto conteúdo de caráter literário e filosófico (BARRETO, 1991, p. 46-47). O modo de escrita camusiano constituiu uma das bases sobre as quais a condição humana poderia ser direcionada para assumir uma posição de resistência consciente frente às injustiças sociais herdadas no pós-guerra (CAMUS, 2020, p. 39). Fiel à tentativa de resolver filosófica e politicamente os problemas que afligiam as camadas mais vulneráveis da população argelina, país que sobrevivia aos avanços da dominação francesa e tinha em seu território grande contingente de árabes muçulmanos com direitos de cidadania limitados, o autor se engajou em diferentes combates ao longo de sua vida enquanto jornalista, escritor e crítico social (DANIEL, 2006, p. 104).

Entre as lutas por cidadania para os árabes por meio do Projeto Violette e a defesa dos incendiários de Auribeau<sup>1</sup> (LÉVI-VALENSI; ABOU, 1978, p. 143-

---

<sup>1</sup> As diversas críticas construídas pelo pensamento camusiano acerca dos sistemas políticos totalitários e dos impactos negativos da ocupação francesa sobre a sua terra natal situam sua filosofia na história enquanto um marco de resistência contra o direito estatal que favorece injustiças (JOSÉ, 2014, p. 14). Ao longo de sua trajetória como jornalista e crítico social, escreveu nos jornais argelinos *Alger Républicain* e *Soir Républicain* as misérias produzidas pelo avanço do sistema de exploração colonial imposto à sua pátria. Entre 1954 e 1962, período que consagra

144, 511), Camus também se aventurou pela cultura literária e social brasileira na companhia do poeta modernista Oswald de Andrade, com quem visitou o município litorâneo de Iguapé, em São Paulo. Embora a visita do pensador franco-argelino ao Brasil em 1949 tivesse como finalidade central a realização de um ciclo de conferências que demarcariam o intercâmbio cultural entre Brasil e França, em um instante de efervescência das artes nacionais posteriores à Semana de Arte Moderna de 1922, a dificuldade de dialogar diretamente com a população brasileira e as demais percepções socioculturais que teve foram suficientes para produzir o conto "A pedra que cresce" (CAMUS, 2021, p. 93-98). Assim, este artigo propõe apresentar os trajetos do pensamento mediterrâneo desenvolvido por Albert Camus, especialmente em suas percepções sobre a sociedade e cultura brasileiras, e uma análise contextualizada do conto produzido sobre sua viagem ao Brasil.

## **O SOL DA ARGÉLIA É O MESMO DO BRASIL: UM PENSAMENTO MEDITERRÂNEO À BRASILEIRA**

As preocupações de Albert Camus frente às injustiças vivenciadas pelos povos argelinos a partir da dominação francesa sobre o território deram origem a um pensamento tipicamente mediterrâneo (JOSÉ, 2014, p. 23). Categorizar a literatura e a filosofia camusiana enquanto mediterrâneas representa dizer que elas não se limitam a uma dimensão fictícia ou puramente contemplativa, mas sim que assumem o caráter de elementos de sustentação para práticas transformadoras na realidade social (SAMPAIO, 2019, p. 208). Uma das últimas reflexões apresentadas pelo autor em "O homem revoltado" diz respeito à proposta central do pensamento mediterrâneo para a condição humana em que se encontrava inserido. Na concepção de Albert Camus, esse paradigma teórico

---

a luta argelina rumo à independência, Camus presenciou, direto das gazetas, eventos que demarcaram um instante de opressão violenta por parte da administração francesa na colônia. Havia a necessidade de se posicionar em face dos novos problemas que surgiram: de um lado, a (i)legitimidade da violência como estratégia de luta do movimento nacionalista argelino, o *Front de Libération Nationale*, e, de outro, a necessidade de paz entre as comunidades franco-argelinas, os *pied-noirs* vistos como "colonos opressores", e os árabes, compreendidos enquanto colonizados oprimidos (ONFRAY, 2012, p. 446).

serve de base para a afirmação de outros conceitos filosóficos e políticos presentes na integralidade de sua obra, com destaque para a junção entre as ideias de *absurdo* e *revolta* (CAMUS, 2020, p. 342).

Para a construção da ideia de um pensamento mediterrâneo, Albert Camus adota como ponto de partida uma crítica ao movimento histórico-social que tornou possível a compreensão do marxismo enquanto uma religião secularizada. Nesse sentido, o filósofo franco-argelino menciona a ideologia alemã como modelo teórico que priorizou a história e a natureza em face do conflito com a tradição mediterrânea, cujos sentidos se voltavam para afirmar que a inexistência de deuses nesta realidade histórica era suficiente para introduzir um cenário no qual a "ação não é mais aperfeiçoamento, mas pura conquista, isto é, tirania" (CAMUS, 2020, p. 343). Por assim dizer, a ideia de pensamento mediterrâneo no pensamento camusiano tem por finalidade não apenas ser um modelo teórico a partir do qual outros conceitos são construídos, mas principalmente funcionar como princípio de equilíbrio entre: de um lado, o absurdo, a gratuidade da existência e a manutenção das injustiças e, de outro, a revolta consciente, o engajamento sociopolítico e o desmantelamento de situações ciclicamente inúteis (SAMPAIO, 2019, p. 209).

Um dos principais recursos que demarcam a narrativa literária camusiana, para além das categorias filosófico-políticas do absurdo e da revolta, consiste na figura do *sol* mediterrâneo. Ao se valer dessa metáfora, Albert Camus propõe aos seus leitores mais atentos uma reflexão sobre a gratuidade (ou inutilidade) dos elementos fornecidos pela natureza em contextos nos quais as injustiças são mantidas por décadas a partir de estratégias de dominação política. A figura do sol pode ser reputada como uma constante do pensamento mediterrâneo de Albert Camus na medida em que o autor insiste em recuperar a relação afetiva que nutre em relação à sua terra natal, de modo que a colonização argelina pelos franceses foi suficiente para trazer a pobreza e a miséria como proibições à beleza do mundo. O que ele chama de "sol do *grand midi*" nada mais é do que um importante instrumento de lucidez para o homem moderno, pois "a miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo" (CAMUS, 2019, p. 15).

Em 1949, o desembarque e as aventuras culturais de Albert Camus em terras brasileiras logo lhe revelaram que o sol brilhante da Argélia é o mesmo que se encontrava no Brasil. Não se tratava propriamente do mediterrâneo pensado e delineado em suas obras, mas suas características eram muito similares. A “raça bastarda” que encontrou aqui é exatamente a mesma existente na Argélia – um povo feito de misturas imprevistas que produziram felizes resultados (CAMUS, 1985, p. 93). Os fogos do campo brasileiro, o aroma do café e dos temperos e a presença de um povo fervilhante e fraterno eram marcas próprias da população e da cultura nacional que não passaram despercebidas ao filósofo franco-argelino. O diário de viagem de Albert Camus é fruto de importantes percepções socioculturais do autor, que nos permitem afirmar a identificação de diversos elementos comuns entre as duas pátrias: no Rio de Janeiro, o contraste entre a ostentação dos edifícios luxuosos e as favelas, além do modo árabe de fazer comércio nos subúrbios cariocas; na Bahia, a semelhança com as cidadelas e bairros árabes na Argélia; em São Paulo, as praias e o contato direto com a música e a literatura moderna brasileira<sup>2</sup> (CAMUS, 2004, p. 62).

A visita de Albert Camus ao Brasil lhe rendeu contato não apenas com autores próprios do modernismo brasileiro, como Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, mas também com importantes personagens que compuseram o cenário cultural e histórico nacional. As rodas de samba, o teatro negro e os terreiros de candomblé foram apresentados ao filósofo franco-argelino por Abdias do Nascimento, um dos principais líderes do movimento negro no país e fundador da companhia "Teatro Experimental do Negro" (JOSÉ, 2009, p. 292). O fascínio camusiano pela cultura brasileira e sua fértil imaginação de contista deram origem a um importante texto de sua bibliografia, que compõe a coletânea

---

<sup>2</sup> "O contraste mais impressionante é fornecido pela ostentação de luxo dos palácios e dos prédios modernos com as favelas, às vezes a cem metros do luxo espécies de *bidonvilles* agarrados ao flanco dos morros, sem água nem luz, onde vive uma população miserável, negra e branca. As mulheres vão buscar água no sopé dos morros, onde fazem fila, e trazem de volta sua provisão em latas de alumínio, que carregam na cabeça como as mulheres *kabyles*. Enquanto esperam, passam diante delas, numa fileira ininterrupta, os animais niquelados e silenciosos da indústria automobilística americana. Nunca o luxo e a miséria me pareceram tão insolentemente mesclados" (CAMUS, 2004, p. 62).

*L'exil et le royaume*. O conto intitulado "A pedra que cresce" narra as percepções socioculturais do engenheiro francês d'Arrast, que, após uma viagem desgastante de automóvel rumo ao município de Iguapé, no litoral de São Paulo, encontrava-se desnudado de sua pátria e ainda sem se encontrar em terras brasileiras, nas quais acabava de chegar para auxiliar na construção de uma barragem que evitaria a inundação dos bairros mais baixos e pobres da região (BOSI, 1998, p. 49-51). O texto retoma a crítica camusiana ao socialismo cesariano e ao capitalismo, categorias sociopolíticas e econômicas que determinavam o cenário europeu (JOSÉ, 2014, p. 293). A narrativa introduz d'Arrast não apenas como um estrangeiro destinado a solucionar os problemas dos bairros mais pobres de Iguapé, mas também como um personagem digno de ser recebido com honrarias pelos principais nomes da administração municipal, como o prefeito e o juiz. Apesar disso, permanecia como "um senhor sem igreja, sem nada"<sup>3</sup> (CAMUS, 2018, p. 165).

Retrato da passagem de Albert Camus pelo litoral de São Paulo, no conto, o engenheiro francês é recepcionado com honras pelo prefeito e juiz do município, que o hospedam no hospital "Lembrança Feliz" e lhe concedem a possibilidade de assinar o livro de ouro da cidade. A narrativa da recepção de d'Arrast é ambientada por um cenário marcado pelo "formalismo canhestro do país que ainda guarda ares colonizados, alternando discursos de louvação e rompantes de arrogância burocrática" (BOSI, 1998, p. 52). Ao pedir para conhecer os barracos da região, d'Arrast é tratado com desconfiança e hostilidade pelos negros que ali moravam. A reviravolta do conto tem como ponto de partida o instante em que ele conhece o cozinheiro de um navio que passaria os próximos dias pagando uma promessa por ter sobrevivido a um naufrágio. O suplício consistia no carregamento de uma pedra sobre a cabeça ao longo da

---

<sup>3</sup> "[...] Viu então, sob o alpendre de uma das casas, um homenzinho que acenava para ele. Mais de perto, reconheceu Sócrates. – Então, Sr. d'Arrast, gostou da cerimônia? D'Arrast disse que fazia calor demais no barraco, e que preferia o céu e a noite. – Sim – disse Sócrates – na sua terra, é só missa. Ninguém dança. Ele esfregava as mãos, pulava num pé só, girava em torno de si mesmo, ria até perder o fôlego. – São incríveis, eles são incríveis. Depois olhou para d'Arrast com curiosidade: - E você, vai à missa? – Não. – Então, vai aonde? – A lugar nenhum. Não sei. Sócrates continuava a rir. – Não é possível! Um senhor sem igreja, sem nada! D'Arrast ria também: - Sim, como vê, não encontrei meu lugar. Então, fui embora." (CAMUS, 2018, p. 165).

procissão do Bom Jesus – em referência à figura mitológica de Sísifo, também presente em outros textos do autor<sup>4</sup>. Impedido de carregar sozinho o peso em razão de cansaço por festejos na noite anterior, d'Arrast auxilia o cozinheiro e leva a pedra até seu humilde casebre, contrariando a indicação dos romeiros e da própria lei para carregá-la até a Igreja<sup>5</sup> (CAMUS, 2018, p. 170-174).

A ação do engenheiro demonstrou que a verdadeira fé não se encontrava na Igreja edificada sobre a pedra, mas sim na moradia dos mais miseráveis e necessitados. Enquanto em *O mito de Sísifo*, Camus introduz a ideia de que o absurdo representa a própria condição humana, em *A pedra que cresce*, o autor indica que o sentimento do absurdo é desconstruído em razão do próprio significado do suplício: "trata-se do cumprimento de uma promessa fundada na crença em uma divindade misericordiosa que atende ao suplicante" (BOSI, 1998, p. 61). O peso da promessa é sustentado pela ação solidária de d'Arrast. No próprio título do conto, o termo "*pierre*" compreende um jogo de palavras utilizado por Albert Camus para fazer menção dupla tanto à Igreja construída sobre a pedra no plano terreno quanto a Pedro, o Apóstolo e Primeiro Papa. Nesse sentido, uma das leituras possíveis do conto de Albert Camus que, ao d'Arrast desistir de carregar a pedra até a Igreja e optar por deixá-la no bairro mais pobre do município de Iguapé, o filósofo franco-argelino simbolicamente critica a política de esquerda francesa, que, em sua concepção, havia se perdido nas *escrituras* da ideologia alemã e deixado de lado a preocupação com a verdadeira

---

<sup>4</sup> No âmbito das narrativas mitológicas gregas, Sísifo foi condenado pelos deuses a rolar uma pedra morro acima por toda a eternidade. O trabalho inútil, repetitivo e absurdo é adotado pela filosofia e literatura de Albert Camus como retrato da condição humana na modernidade. Em *O mito de Sísifo*, o autor exemplifica a repetitividade da existência humana e os limites da possibilidade de tomar consciência: "Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o 'por quê' e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. 'Começa', isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo" (CAMUS, 2017, p. 27).

<sup>5</sup> "Apesar do peso que começava a esmagar-lhe a cabeça e a nuca, viu a igreja e o andor que parecia esperá-lo no adro. [...] Os ombros já fraquejavam quando atingiu as primeiras ruas, cujo declive era escorregadio. Deteve-se e apurou os ouvidos. Estava só. Ajeitou a pedra em seu suporte de cortiça e desceu com um passo prudente, mas ainda firme, até o bairro dos barracos." (CAMUS, 2018, p. 172-173).



justiça social (JOSÉ, 2009, p. 295-296). A interpretação do conto enquanto crítica política é simbolizada pelas guinadas à esquerda realizadas por d'Arrast para chegar ao bairro mais pobre de Iguapé, indicando o contraste entre a condição de fidalgo, o povo miserável e a sua transformação em um "Sísifo dos trópicos". Outra passagem que é utilizada para alimentar essa leitura diz respeito ao fato do irmão do cozinheiro caminhar em silêncio, à esquerda e ao lado de d'Arrast, rumo ao penitente, caído e impossibilidade de carregar a pedra<sup>6</sup>. A narrativa camusiana abre margem para uma interpretação acerca de suas percepções sobre a realidade social e cultural brasileira, que é percebida pelo autor a partir das associações que faz ao colonialismo e à manutenção de práticas que remontam à burocracia e à pompa típicas de outros tempos (CAMUS, 2018, p. 133).

Embora não seja um dos principais contos presentes na bibliografia de Albert Camus, o conto construído a partir de sua vinda ao Brasil, intitulado "A pedra que cresce", é central para compreender as instâncias do relacionamento do autor com personagens da literatura, da sociedade e da história cultural brasileira. Semelhantes às aventuras camuseanas no país, as experiências do fictício engenheiro francês d'Arrast e sua atitude de revolta frente às normas do município que visitava são traços que delimitam a necessidade de fazer com que esse edifício desabe e faça com que o "povo agitado, negro, vermelho e amarelo" espalhe "pela superfície do continente, mascarado e munido de lanças para a dança da vitória" (ANDRADE, 2011, p. 175). A narrativa apresentada no conto traz uma mensagem importante para sociedades marcadas pelas heranças coloniais e pelo sol mediterrâneo: o combate pela justiça deve ser lutado a partir da solidariedade entre os homens, que, substituindo a crença na salvação divina, faz com que cada homem faça justiça uns aos outros por meio de suas obras

---

<sup>6</sup> "À sua esquerda, o irmão caminhava ou corria em silêncio. Pareceu a d'Arrast que levavam um tempo interminável para percorrer o espaço que os separava dele. Quase junto dele, o cozinheiro parou novamente e lançou à sua volta olhares apagados. Quando viu d'Arrast, sem contudo parecer reconhecê-lo, imobilizou-se, voltado para ele. Um suor oleoso e sujo cobria-lhe o rosto agora cinzento, sua barba estava cheia de fios de saliva, uma espuma marrom e seca cimentava-lhe os lábios. Tentou sorrir. Mas imóvel sob sua carga, seu corpo todo tremia, exceto à altura dos ombros onde os músculos estavam visivelmente retesados numa espécie de câmbra. O irmão, que reconheceu d'Arrast, disse-lhe apenas: – Ele já caiu." (CAMUS, 2018, p. 170).

(CHABOT, 2002, p. 163). No encontro com Sócrates, o engenheiro francês foi concebido como um homem desvinculado da religião e de qualquer outro elemento da natureza ou da história. A atitude solidária que demarca a relação entre d'Arrast e o cozinheiro, ao erguer a pedra que o penitente não mais conseguia carregar como parte de sua promessa, representa um instante de reconciliação com o mundo: d'Arrast realiza o que o Cristianismo, na visão camusiana, até então não havia realizado na história, que era justamente se ocupar dos excluídos<sup>7</sup>. Os atos de abandonar a tribuna formada por importantes personalidades da cidade, o juiz e o chefe de polícia, e se dedicar ao socorro do cozinheiro fazem com que d'Arrast se contraponha à convencionalidade social e identifique na solidariedade um posicionamento coerente frente ao absurdo da existência humana (BOSI, 1998, p. 59-61; JOSÉ, 2014, p. 295-296).

## CONCLUSÕES

Em 1949, a visita de Albert Camus ao Brasil para a realização de um ciclo de conferências que serviria para a divulgação de parte de suas reflexões acerca da obra *O homem revoltado*, publicada dois anos após a vinda do autor, foi enfrentada inicialmente como um encontro fracassado entre os brasileiros e o filósofo franco-argelino. O Brasil ainda vivenciava o auge da produção literária construída ao longo da Semana de Arte Moderna em 1922, de modo que São Paulo representava um dos espaços de construção da cultura nacional no período. Apesar de ter tido contato com autores próprios do movimento, como Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, Albert Camus teve que lidar com obstáculos de natureza sociocultural e política, utilizados posteriormente como argumentos para a falha na proposta de intercâmbio cultural entre Brasil e França. Os sambas de Dorival Caymmi, as conversas com Abdias do Nascimento e o contato direto com os grandes nomes do modernismo brasileiro constituem passagens importantes de seu diário de viagem.

---

<sup>7</sup> "Significado do meu trabalho: Muitos homens são privados da graça. Como viver sem graça? Temos que seguir em frente e fazer o que o cristianismo nunca fez: cuidar dos condenados" (CAMUS, 2006, p. 1019, tradução nossa).



No entanto, a rápida passagem de Albert Camus pelo Brasil seria de fato empobrecida se observássemos apenas suas experiências, de forma isolada, e não aquilo que *cresceu* a partir delas. A publicação do conto "A pedra que cresce" trouxe à tona uma faceta interpretativa do filósofo franco-argelino sobre a condição humana em terras brasileiras. Não por acaso, ele identifica na sociedade brasileira semelhanças significativas com o povo e a situação argelina da época, ainda dominada pelo colonialismo francês<sup>8</sup>, especialmente na cultura produzida nos subúrbios e nos demais espaços sociais politicamente precários do país<sup>9</sup> (GESKE, 2020, p. 22). Compreendemos que o conto inaugura uma vertente das *brasilidades* presentes no pensamento de Albert Camus, de modo que sua principal contribuição para uma leitura da realidade social e cultural brasileira no período concentra-se em dois elementos: de um lado, o elogio à solidariedade entre os homens como fonte da verdadeira justiça social e, de outro, a passagem de uma sociedade enferma para um paradigma social da fraternidade e da opção por aqueles que estão do lado da miséria, da opressão e da injustiça.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. Saudação a Albert Camus. *In*: ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.

BARRETO, Vicente. *Camus: vida e obra*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1991.

BOSI, Alfredo. Camus na festa do Bom Jesus. *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 49-63, 1998.

---

<sup>8</sup> Camus compara o estilo das ruas brasileiras com o subúrbio de Argel, especialmente o bairro de Belcourt: "O que me impressiona é o lado árabe. Lojas sem vitrines. Tudo está na rua. Vi um coche funerário: um cenotáfio estilo Império, com enormes colunas de bronze dourado sobre uma camionete de entregas, pintada de preto. Para os ricos, cavalos. Tecidos berrantes colocados na vitrine. Intermináveis subúrbios, que atravessamos num bonde sacolejante. Vazios, na maior parte do tempo, e tristes (as tribos operárias acampadas nas portas de cidades me lembram B.)" (CAMUS, 2004, p. 79-80). Na sequência, realiza um paralelo entre a Bahia e sua terra natal: "A terra é totalmente vermelha. A Bahia, onde só se veem negros, parece-me uma imensa *casbah* fervilhante, miserável, suja e bela. Mercados imensos, feitos de velas esburacadas e de tábuas velhas, de velhas casas baixas, pintadas de vermelho, verde-maçã, azul etc." (CAMUS, 2004, p. 87).

<sup>9</sup> "Os franceses da Argélia são uma raça bastarda, feita de misturas imprevistas. No fim de contas, espanhóis e alsacianos, italianos, malteses, judeus e gregos ali se encontraram todos. Esses cruzamentos brutais tiveram, como na América, felizes resultados" (CAMUS, 1985, p. 93).

# da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

CAMUS, Albert. *Camus, o viajante*: antologia dos textos de Albert Camus sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2021.

CAMUS, Albert. Carnets (mai 1935 – décembre 1948). In: CAMUS, Albert. *Oeuvres complètes (1944-1948)*. Paris: Gallimard, 2006.

CAMUS, Albert. *Diário de viagem*. Trad. Valerie Rumjanek. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CAMUS, Albert. *Núpcias, o verão*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

CAMUS, Albert. *O exílio e o reino*. Trad. Valerie Rumjanek. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CHABOT, Jacques. *Albert Camus: la pensée de midi*. Aix-en-Provence: Édisud, 2002.

DANIEL, Jean. *Avec Camus: comment résister à l'air du temps*. Paris: Gallimard, 2006.

GESKE, Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva. *Dos desencontros ao encontro*: a viagem de Albert Camus ao Brasil em 1949. *Criação & Crítica*, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 20-49, dez. 2020.

JOSÉ, Caio Jesus Granduque. *Albert Camus e o direito*: itinerário libertário para uma filosofia jurídica. 314 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LÉVI-VALENSI, Jacqueline; ABBOU, André (Orgs.). *Cahiers Albert Camus 3: fragments d'un combat (1938-1940)* – Alger Républicain. Paris: Gallimard, 1978.  
ONFRAY, Michel. *L'ordre libertaire: la vie philosophique d'Albert Camus*. Paris: Flammarion, 2012.

SAMPAIO, Leandson Vasconcelos. O pensamento mediterrâneo-libertário de Albert Camus. *Revista Lampejo*, v. 8., n. 2, p. 206-213, 2019.